

Recordações de um ex-desequilibrado

Fernando Boppré

Não deixa de ser uma experiência singular quebrar a perna num ano e, no seguinte, sofrer de labirintite. Foi o que me ocorreu na década passada. Em ambos os casos, a praticidade de uma vida vertical foi abolida. Saudável, eu era retrato *ao passo que* manco ou labiríntico tornei-me paisagem diversa. Em tempo, é preciso providenciar uma correção. Afinal, nessas horas, a expressão *ao passo que* é a menos apropriada: um manco pula, não dá passos; um sujeito com labirintite perde-se, não caminha.

Do alto de uma muleta, um fraturado inspira respeito. Caso, mesmo sem querer, ele se aproxime de uma faixa de pedestres, assistir-se-á um fenômeno *sui generis*: carros, motocicletas e até mesmo aeronaves não de parar e permitir o deslocamento prejudicado do manco.

Que se faça a experiência inversa: no início de uma manhã, envie alguém com labirintite aguda para atravessar a mesma via que antes o manco se aproximara imprudentemente. Ele certamente será um trôpego a ensaiar passos no invisível, como quem brinca de pata-cega, e mesmo antes de se aproximar do passeio, não há dúvida que meia dúzia de almas dirá: “Bebeu a noite inteira”.

O grande problema de uma criatura com labirintite é não emitir sinais eloquentes e dramáticos. Ao contrário de um fraturado (que se torna uma espécie de escultura a ser admirada com um membro engessado e, com sorte, um par de muletas) ou de um cego (que porta seus óculos escuros e bengala), a doença dos labirintos produz um único sinal ambíguo, da mesma natureza da embriaguez, a saber, uma tontura monumental. Não se pode extrair nenhuma vantagem social apenas disso.

Lembro-me que a primeira vez que fui almoçar fora de casa após a fratura – uma ou duas semanas após o acidente – toda a minha atenção deslocou-se aos empecilhos que o mundo oferecia às dificuldades de locomoção. Ainda que em diversos locais já tenham sido providenciadas rampas, muitas vezes elas são íngremes, descabidas, tortas, estúpidas, enfim, uma tipologia extensa e infundável que não vem ao caso.

Ao invés de se pensar naquilo que você irá comer, queda-se a imaginar o incompetente cidadão que construiu aquele degrau ou omitiu determinada rampa. Assim, enquanto os demais continuam sua vida normal, preocupados em escolher no buffet se comerão salada ou não, planejando o que farão depois dali, tudo o que eu queria era tão-somente sair do recinto onde almoçava sem levar um tombo retumbante. O desejo murcha e se torna mais simplista. Menos mal: o mundo fica menos neurótico e a vida mais ordinária.

No caso da fratura, as muletas são uma extensão da vida horizontal que se leva nas camas, espaldares, divãs, etc. Um par de muletas torna um ser humano um quadrúpede e ponto. Já para aquele que acessa o lado labiríntico da vida, as muletas seriam uma confusão, um entre-pés. O manco e o sujeito com labirintite passam a negociar com o desequilíbrio. Em boa medida, jogam dados com o plano do real. Nada mais é tão importante, atividades outrora urgentes se tornam parênteses numa vida que passa a ser decidida em semanas ou meses. Executam-se algumas atividades e abdicam-se de outras.

Aquilo que éramos antes do acidente, antes do labiríntico, torna-se miragem. Julgamos ainda transitar por esse mundo, onde as coisas eram sólidas, a confiança na gravidade infinita. Mas quando decidimos ir até ele, verificamos que as regras mudaram e que já não é tão fácil manter a cabeça sobre os ombros. Essa experiência é algo

fundamental. Todo ser humano deveria ter um membro fendido ou estilhaçado em algum momento de sua vida já que, nestes momentos, carrega-se uma poesia a cada canto: o labirinto, a fratura.

Um anti-herói

Nos dias estendidos de recuperação da fratura, dediquei-me a pensar uma outra personalidade para mim mesmo (afinal, aquele sujeito que era até aquele momento não mais funcionava). Imaginei uma espécie de anti-herói: ele será baixo mas sempre usará salto alto. Atleta, forjará cegueira ou amputará o ante-braço só para competir com os para-atletas. Comprará flores brancas e as tingirá de vermelho para entregar ao seu amor. Literato, traduzirá a obra completa de Proust em três dias e alegará falta de tempo – e a ausência do ante-braço. No dia em que decidir homenagear alguém (ainda pairam dúvidas se ele será capaz disso), terá um filho com nome de Quincas para não ter que chamá-lo de Machado. Ainda assim, votará em Serra a cada eleição. Esquecerá o pai no estacionamento do hospital no dia em que ele tiver um ataque cardíaco. Agrícola, plantará feijões em xícaras e colherá imensas melancias. Orações em hebraico para despistar os árabes. Terá diabetes para economizar nos doces, deixará de tomar leite para investir em queijos. Andará em aviões por sentir medo de zepellins. Alimentará tartarugas com pedaços de outras tartarugas.

Egidio Rocci

A exposição “Madeirame”, de Egidio Rocci, atualmente em cartaz na Fundação Cultural Badesc, em Florianópolis, desequilibra estruturas. A precisão do artista faz objetos outrora consagrados ao uso cotidiano (armários, criado-mudo, estantes) bailarem no ar. A obra localizada na última sala do espaço Fernando Beck, é um arranjo improvável de quatro armários entrelaçados. Vale a pena uma visita.